

## PORQUE É QUE NÃO DANÇAM?

Na cozinha, ele serviu-se de mais uma bebida e olhou para a mobília de quarto de cama que estava no pátio da frente. O colchão estava a descoberto e os lençóis às riscas estavam em cima da cómoda, ao lado de duas almofadas. Fora isso, as coisas estavam quase como tinham estado no quarto de cama — mesinha-de-cabeceira e candeeiro de leitura, do lado dele da cama; mesinha-de-cabeceira e candeeiro de leitura, do lado dela.

O lado dele; o lado dela.

Ele ficou a pensar nisso, enquanto bebia o uísque.

A cómoda estava a alguns centímetros dos pés da cama. Nessa manhã, despejara o conteúdo das gavetas para dentro das caixas de cartão que estavam agora na sala de estar. Ao lado da cómoda, estava um calorífero portátil. Uma cadeira de vime com uma almofada decorativa estava aos pés da cama. A mobília de cozinha, em alumínio polido, ocupava parte do acesso para carros. Um pano de musselina amarela — uma oferta — cobria a mesa, caindo dos lados. Um vaso com um feto estava em cima da mesa, ao lado de uma caixa com talheres e um gira-discos, também ofertas. Um grande aparelho de televisão, tipo consola, estava em cima de uma mesinha de café e, a curta distância, estava um sofá, uma cadeira e um candeeiro de pé alto. A secretária estava encostada à porta da garagem. Havia alguns utensílios em cima da secretária, juntamente com um relógio de parede e duas estampas emolduradas. No acesso para carros havia também uma caixa de cartão

com chávenas, copos e pratos, cada peça embrulhada em papel de jornal. Nessa manhã, tinha esvaziado todos os armários e, com excepção das três caixas de cartão que estavam na sala de estar, toda a tralha já estava fora da casa. Tinha trazido uma extensão cá para fora e todas as coisas estavam ligadas. As coisas podiam funcionar tal como quando estavam lá dentro.

De vez em quando, um carro abrandava a marcha e as pessoas olhavam. Mas ninguém parava.

Ocorreu-lhe que também ele não teria parado.

— Deve ser uma venda de garagem — disse a rapariga ao rapaz.

A rapariga e o rapaz estavam a mobilar um pequeno apartamento.

— Vamos lá ver quanto é que eles pedem pela cama — disse a rapariga.

— E pela televisão — disse o rapaz.

O rapaz entrou no acesso para carros e estacionou em frente da mesa da cozinha.

Saíram do carro e começaram a examinar as coisas: a rapariga passava a mão pela coberta de musselina e o rapaz ligou a misturadora eléctrica, rodando o ponteiro do regulador para PICAR; a rapariga pegou num aquecedor de comida, o rapaz ligou a televisão, fazendo uns pequenos ajustamentos.

Ele sentou-se no sofá, a olhar para a televisão. Acendeu um cigarro, olhou em volta e atirou o fósforo para a relva.

A rapariga sentou-se na cama. Tirou os sapatos e deitou-se de costas. Julgou que estava a ver uma estrela.

— Vem cá, Jack. Experimenta esta cama. Traz uma dessas almofadas — disse ela.

— Que tal é? — perguntou ele.

— Vem experimentar — disse ela.

Ele olhou em redor. A casa estava às escuras.

— Não me sinto à vontade — disse ele. — É melhor ir ver se está alguém em casa.

Ela deu um salto na cama.

— Experimenta primeiro — disse ela.

Ele deitou-se na cama e pôs a almofada debaixo da cabeça.

— Que tal? — perguntou ela.

— Parece firme — disse ela.

Ela virou-se de lado e colocou a mão na cara dele.

— Beija-me — disse ela.

— Vamo-nos levantar — disse ele.

— Beija-me — insistiu ela, fechando os olhos. E abraçou-o.

— Vou ver se está alguém em casa — disse ele.

Mas limitou-se a sentar-se e a ficar onde estava, fingindo que estava a ver televisão.

Acenderam-se luzes nas casas de um e outro lado da rua.

— Não teria graça se — disse a rapariga a sorrir, não acabando a frase.

O rapaz riu sem motivo aparente. Sem motivo aparente, acendeu o candeeiro de leitura.

A rapariga enxotou um mosquito, após o que o rapaz se levantou, metendo a camisa para dentro das calças.

— Vou ver se está alguém em casa — disse ele. — Penso que não está ninguém, mas, se estiver, pergunto quanto querem pelas coisas.

— O que quer que peçam, oferece menos dez dólares; é sempre uma boa ideia — disse ela. — Para mais, devem estar aflitos, ou coisa parecida.

— É uma televisão bastante boa — disse o rapaz.

— Pergunta-lhes o preço — disse a rapariga.

O homem vinha pelo passeio com um saco de compras. Trazia sandes, cerveja, uísque... Vira o carro estacionado no acesso e a rapariga deitada na cama. Viu a televisão ligada e o rapaz no alpendre.

— Olá — disse o homem à rapariga. — Encontrou a cama. Ainda bem.

— Olá — disse a rapariga, levantando-se. — Só estava a experimentá-la. — Deu uma palmada na cama. — É uma cama bastante boa.

— É uma boa cama — disse o homem, pousando o saco e tirando a cerveja e o uísque.

— Pensávamos que não estava cá ninguém — disse o rapaz. — Estamos interessados na cama e talvez na televisão. E talvez também na secretária. Quanto é que pede pela cama?

— Estava a pensar pedir cinquenta dólares pela cama — disse o homem.

— Aceitaria quarenta? — perguntou a rapariga.

— Aceito quarenta — respondeu o homem.

Tirou um copo da caixa de cartão. Retirou o papel de jornal que embrulhava o copo. Tirou o selo da garrafa de uísque.

— E a televisão? — perguntou o rapaz.

— Vinte e cinco.

— Aceitaria quinze? — perguntou a rapariga.

— Está bem; pode ficar por quinze — disse o homem.

A rapariga olhou para o rapaz.

— Oiçam, meninos, vocês devem querer uma bebida — disse o homem. — Os copos estão naquela caixa. Eu vou-me sentar; vou-me sentar ali no sofá.

O homem sentou-se no sofá, recostou-se e olhou fixamente para o rapaz e para a rapariga.

O rapaz pegou em dois copos e despejou uísque.

— Chega! — disse a rapariga. — Acho que quero água no meu. Pegou numa cadeira e sentou-se à mesa da cozinha.

— Há água naquela torneira ali — disse o homem. — Abra a torneira.

O rapaz voltou com o uísque com água. Aclarou a garganta e sentou-se também à mesa da cozinha. Fez um sorriso. Mas não chegou a beber nada do seu copo.

O homem olhou para a televisão. Acabou a sua bebida e serviu-se de mais uma. Estendeu o braço para acender o candeeiro de pé. Foi então que o cigarro lhe caiu dos dedos para o meio das almofadas.

A rapariga levantou-se para o ajudar a procurar.

— Então o que é que tu queres? — perguntou o rapaz à rapariga. O rapaz tirou o livro de cheques e levou-o à boca, como se estivesse a pensar.

— Eu quero a secretária — disse a rapariga. — Quanto é que custa a secretária?

O homem agitou a mão perante uma pergunta tão ridícula.

— Digam um preço — disse ele.

Olhou para eles, sentados à mesa. À luz do candeeiro, havia qualquer coisa nos seus rostos. Podia ser bom ou mau; nunca se sabe.

— Vou desligar a televisão e pôr um disco — disse o homem. — Este gira-discos também está à venda. Barato. Podem fazer uma oferta.

Serviu mais uísque e abriu uma cerveja.

— Está tudo à venda — disse o homem.

A rapariga estendeu o copo e o homem encheu-o.

— Obrigada — disse ela. — É muito amável.

— Isto sobe à cabeça — disse o rapaz. — Estou a senti-lo na cabeça. — Ergueu o copo e agitou-o levemente.

O homem acabou de beber, serviu-se de novo e depois foi procurar a caixa com os discos.

— Escolha um qualquer — disse o homem à rapariga, entregando-lhe os discos.

O rapaz estava a preencher o cheque.

— Este — disse a rapariga, pegando num qualquer, uma vez que não conhecia os nomes escritos nas etiquetas. Levantou-se da mesa e voltou a sentar-se. Não queria ficar quieta.

— Estou a passá-lo ao portador — disse o rapaz.

— Com certeza — disse o homem.

Beberam. Ouviram o disco. E depois o homem pôs outro.

Porque é que não dançam?, pensou ele em dizer. E em seguida disse: — Porque é que não dançam?

— Acho melhor que não — disse o rapaz.

— Não tenham receio — disse o homem. — O pátio é meu. Podem dançar, se quiserem.